

## PONCIANO DE AZEREDO FURTADO, UM DECASSÍLABO NADA HERÓICO

***Moisés Pereira da Silva***

Pós-graduado em Língua Portuguesa  
ISECENSA/Campos dos Goytacazes/RJ  
[profmoisespereira@yahoo.com.br](mailto:profmoisespereira@yahoo.com.br)

***Valéria de Aguiar Lima e Silva***

Pós-graduada em Língua Portuguesa  
CE 29 de Maio/Campos dos Goytacazes/RJ  
[profevaleria@bol.com.br](mailto:profevaleria@bol.com.br)

**RESUMO**

O presente estudo parte da narrativa arquetípica de José Cândido de Carvalho, *O Coronel e o Lobisomem* e por meio dela estabelece pontos de contato com três romances da Literatura Brasileira: *Memórias de um Sargento de Milícias*, *Macunaíma* e *Quincas Borba*. Desse modo, busca-se analisar o herói picaresco, contextualizando Campos dos Goytacazes/RJ nas primeiras décadas do século XX. São apresentadas as estratégias narrativas de construção literária e a inadaptação do personagem principal à sociedade urbana, tendo como consequência a loucura. Além disso, através da morfologia, procura-se evidenciar o requintado trabalho linguístico do autor a respeito da elaboração lexical presente no discurso do protagonista, por isso são eleitos para reflexão os afixos -des, -ismo, -oso, -mente, -ista, como elementos fundamentais na formação de palavras. Finalmente, são apresentadas a técnica de bricolagem que permeia a obra e a construção mítica do herói.

**Palavras-chave:** herói picaresco, sociedade, loucura, morfologia, formação de palavras, bricolagem.

**ABSTRACT**

This study of the archetypal narrative of José Cândido de Carvalho, “o coronel e o lobisomen” and thereby establishes contact points with three novels of Brazilian literature: “*Memórias de um Sargento de Milícias*”, “*Macunaíma*” and “*Quincas Borba*”. Thus, we seek to analyze the picaresque hero, contextualizing Campos dos Goytacazes / RJ in the first decades of the twenty century. The narrative strategies of literary construction and the unsuitability of the main character to the urban society, resulting in the madness are presented. In addition, the morphology looking to highlight the exquisite language work of the author about the lexical elaboration present in the protagonist's speech, so they are elected to reflect the affixes “-des, -ismo, -oso, -mente, -ista” as a fundamental element in the formation of words. Finally, we present the “bricolagem” technique that pervades the work and the construction of mythical hero.

**Keywords:** picaresque hero, society, madness, morphology, word formation.

**1. INTRODUÇÃO**

A Semana de Arte Moderna (1922) objetivava tornar a pátria brasileira um espaço cultural com perfil próprio. Com esse mesmo ideal, José Cândido de Carvalho (JCC) elaborou um dos mais importantes

romances da Literatura Brasileira: O Coronel e o Lobisomem. Narrativa em que sobressai a confecção dos personagens desenvolvidos a partir de uma linguagem impregnada por neologismos e pelo humor, nítida na distância entre a sobriedade do coronel e o ridículo das cenas apresentadas.

A bem dizer, sou Ponciano de Azeredo Furtado, coronel de patente, do que tenho honra e faço alarde. Herdei do meu avô Simeão terras de muitas medidas, gado do mais gordo, pasto do mais fino. Leio no corrente da vista e até uns latins arranhei em tempos verdes de infância, com uns padres-mestres a dez tostões por mês. Digo, modéstia de lado, que já discuti e joguei no assoalho do Foro mais de um doutor formado (CARVALHO, 2000, p. 3).

O enredo se desenvolve nas primeiras décadas do século XX, em Campos dos Goytacazes/RJ, área urbana e distritos da baixada (Tocos, Goitacazes, São Martinho, Poço Gordo, São Sebastião, Saturnino Braga, Santo Amaro). Trata-se de um livro que evidencia o declínio e a dissolução de um mundo social frente às novas formas de organização. O caráter protagônico da narrativa cabe a um personagem oriundo de uma aristocracia rural condenada ao desaparecimento. Sendo um coronel o personagem principal, esta narrativa denota, sociologicamente, um período de transição da nossa sociedade.

Os coronéis eram agraciados com esse título por serem grandes proprietários de terra. O seu poderio político era garantido pela autonomia de decidir na sua localidade. A patente de coronel vinha junto com a herança material. Esse termo remete a uma realidade patriarcal conservadora. A nomeação era atribuída pela administração imperial a fazendeiros e a pessoas da classe dirigente do país.

No arremate do inventário, que não teve embargo na justiça, por eu ser herdeiro de herança limpa, mandei levantar carneiro de muita religião em comemorativo de meu avô. Fiz questão de municiar o túmulo dele com dois anjos de asa larga, coisa vistosa, de engrossar fama do cemitério (...). Tomei respeito, não só pela herança de boi e pasto, com pela patente de Coronel. (...) vizinhos de mau caráter tinham adentrado mourões e aramados em prejuízo do que era meu (...). Remeti a cada um bilhete educado (...). Antão Pereira achou graça do procedimento mimoso (...) povo de pasto nunca ia entender carta rendilhada (CARVALHO, 2000, p. 16).

O poder de mando dos coronéis era exercido sobre o povo, objetivando manter a ordem vigente (o governo era o chefe dos coronéis). Era uma liderança sem respaldo jurídico do Estado, limitada e regional. Por isso, consiste numa ironia: o protagonista é um líder cuja autoridade há muito se dissipou.

De acordo com Vítor Nunes Leal (1975), o coronelismo é uma expressão do poder privado, uma constância que insistiu em ocorrer frente a um parâmetro político representativo. Como afirma Maria Janotti (1984), ele deve ser compreendido como o poder exercido por chefes políticos sobre parcela do eleitorado, sendo ele (o coronel) detentor de significativa autoridade e prestígio.

No romance, José Cândido demonstra que a ideia de Estado ainda não foi incorporada, as personagens vivem à margem do processo de civilização da sociedade. Ponciano declara guerra ao governo, a força policial é citada como bandida. Ele apresenta um projeto ilusório de liberdade local contra o poder da União, ou seja, age imbuído dos valores do anacrônico código patriarcal, exercendo a função de defensor da população rural.

Candido nos apresenta uma noção sobre a ideologia do coronelismo:

Dominando serenamente a Várzea com sua estatura de rico senhor de sete engenhos, chefe político do governo, não pagando impostos com a tranquilidade de quem desfruta um privilégio, alvo de invejas de uns e da oposição aberta de

outros. A sua ação se organiza dentro do antigo código patriarcal, ainda permitido graças às condições econômicas sobre que assenta a autoridade do velho senhor. As relações entre os parentes são reguladas por ele, e acorrer às suas dificuldades é um dever do patriarca a que ele nunca foge. [...] O seu prestígio garante a sua autoridade; a sua riqueza garante o seu prestígio (CANDIDO, 1991, p. 393).

## 2. A NOMEAÇÃO DO PROTAGONISTA

Embora não se deva encarar a nomenclatura dos personagens de uma narrativa como sendo essencial quanto à personalidade deles, é inquestionável que as suas nomeações desempenham uma formidável função no seu adensamento psicossocial.

No caso do romance *O Coronel e o Lobisomem*, a nomeação não foi um processo aleatório, muito pelo contrário, revela a destreza de José Cândido, já que o nome do protagonista traz emblemáticos significados.

Ponciano significa aquele que é marinheiro, aventureiro. Bem ao estilo do personagem que se envolve em várias peripécias. O primeiro sobrenome (Azeredo) indica o espaço vegetal predominante no ambiente rural do coronel, pois se refere à mata de azeiros.

O outro sobrenome se liga às safadezas, às falácias de Ponciano, pois “Furtado” remete ao não legítimo, ao que foi furtado, desviado. No caso do protagonista, Furtado marca uma caracterização que foi dada à sua família. Historicamente, a planície foi constituída por um grupo muito específico: pessoas de moral não tão ilibada.

Pois assim mesmo os setenta moradores que tentaram a fundação da vila em 1652 se multiplicaram de tal modo, que, um século depois, a 12.000. Certamente contribuíram para esse aumento dois fatores: o isolamento da capitania e seu respectivo desgoverno. É um refúgio-peccatorum ideal para toda essa malta em contas com a justiça do Rio de Janeiro. É um refúgio providencial para toda uma récua de aventureiros, fugitivos da justiça e desertores (LAMEGO, 1945, p. 99).

## 3. A ESTILIZAÇÃO LINGUÍSTICA

Quanto à linguagem, o romance retoma a vertente inaugurada nos anos 20 por Mário de Andrade (Macunaíma) e retomada nos anos 50 por Guimarães Rosa (*Grande Sertão: Veredas*): a inserção de elementos da cultura oral construindo, por meio da interseção erudito/popular, um tecido textual híbrido.

A grande contribuição do Modernismo (movimento no qual os citados autores estão inseridos) foi a introdução da oralidade na linguagem literária, desestruturando paulatinamente o estereótipo da literatura como representação da norma culta. JCC segue um dos três princípios básicos do movimento Modernista: o direito permanente à pesquisa estética.

O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira e a estabilização de uma consciência criadora nacional (ANDRADE, 1972, p. 242).

No caso do romance *O Coronel e o Lobisomem*, esse princípio é muito nítido, uma vez que a sua linguagem apresenta duas marcas fundamentais: o apuro linguístico e a oralidade humorística. De acordo com Mikhail Bakhtin:

O que serve como base no romance humorístico é o modo absolutamente específico do emprego da linguagem comum. Essa linguagem comumente falada e escrita pela média de um dado ambiente é tomada pelo autor precisamente como opinião corrente, a atitude verbal para com os seres e coisas, normal para com certo meio social, o ponto de vista e o juízo correntes. (...) O estilo humorístico exige esse movimento vivo do autor em relação à língua e vice-versa (BAKHTIN, 1993, p. 108).

O leitor tem a impressão de estar diante de um ser real não só pela contextualização, mas também pela sua linguagem pertinente à sua formação, já que, por um lado, frequentou colégio religioso e trabalhou na justiça e, por outro, assimilou o falar rural (universo familiar). A criação artística de JCC é notável, pois não se restringe somente à forma, uma vez que mantém uma coerência entre a personalidade de Ponciano e seu discurso.

Como no caso da sereia, tratei a encantação em termos de cerimônia, sois-isso, sois-aquilo, dentro dos conformes por mim aprendidos em colégio de frade a dez tostões ao mês. Desse modo, ficava estipulado que o cativo não andava em mão de um coronelão do mato, despido de letras e aprendizados, uma vez que vadiagem das trevas leva muito em conta a instrução dos demandistas. No presente caso do lobisomem, nem careci de empregar outras sabedorias. (CARVALHO, 2000, p. 181).

Vivia enterrado na papelada do Foro e nas escrituras. Lia mais sentença de desembargador que um escrivão de ofício, a ponto de Pernambuco Nogueira afiançar que eu era capaz de entupir a sabedoria de muito doutor formado: - O coronel mete no bolso muito mocinho de anel no dedo (CARVALHO, 2000, p. 19).

Ao contrário que se possa crer, a oralidade ponciânica não é uma simples transcrição do falar sertanejo. Trata-se, na verdade, de um trabalho de ourives, de estilização e de criação, dentro das possibilidades morfológicas oferecidas pela língua. Não há nenhuma transgressão ao sistema linguístico, já que o autor faz uso das estruturas lexicais para construir os neologismos. José Cândido utilizou os dois processos básicos na formação de palavras: derivação e composição.

Na derivação, há o acréscimo de afixos (prefixos e sufixos) à palavra primitiva. Há a derivação prefixal com o elemento-des:

Quando a sorte rodou em desfavor de Nogueira, voltei a dar o ar de minha amizade (CARVALHO, 2000, p. 19).

Admirado de tal presença, nunca desequecido das falsidades e abusos de Fontainha (CARVALHO, 2000, p.274).

Além disso, ocorre a derivação sufixal com os elementos -ismo, -oso, -mente, -ista:

Delito de sem-vergonhismo em campo de pitangueiras (CARVALHO, 2000, p.4).  
Com o apurado, vesti João Fonseca de caixão ostentoso, de muita gente pensar que ia dentro defunto enricado (CARVALHO, 2000, p. 284).

Nem representa a terça metade, amigo Bezerra. Menasmente que isso (CARVALHO, 2000, p. 155).

Sim senhor! Mulherista como Ponciano nem no estrangeiro tem igual (CARVALHO, 2000, p. 190).

Na composição “se juntam dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, para darem a ideia de um novo ser ou objeto” (ROCHA LIMA, 1985, p. 198).

Apertei o pardavasco como aprecio apertar gente de minha especial estimação, no arrocho, no quebra-costela (CARVALHO, 2000, p. 297).

O bicho, de boa largura e altura, barbudão, resmungou, sem um muito-obrigado-coronel, que passava como Deus queria (CARVALHO, 2000, p.58).

#### 4. A CONSTRUÇÃO DO HERÓI PICAresco

Ponciano é um mentiroso contumaz que nas suas falácias parte para o enfretamento de bestas-feras e assombrações com a coragem que somente a sua imaginação permite, vive com a fantasia para que ela seja uma garantia de realidade. Isso não quer dizer, porém, que há o desejo em sua realização: a sua satisfação é sonhar com ela. Além disso, o protagonista é despreparado para a labuta nas terras herdadas do avô, Sobradinho, e para o seu comando. O coronel era descendente de familiares valentes e corajosos que haviam lutado contra as mais variadas intempéries. Entretanto, ele não mantém essa linhagem, por isso ao narrar seus causos – sempre se pondo no centro das ações – cria-se um instrumento de amedrontamento, de imposição de respeito aos seus subordinados, ou seja, consiste em um ardil de intimidação.

[...] se refaz por meio da fantasia [...], figura que veste a patente e tece histórias com fios entrelaçados a crenças populares e elementos do folclore, criando uma cortina que impede a passagem completa da luz que ilumina a realidade. A especificidade do regional não se restringe à particularidade e se sobressai em traços de cores míticas e universais; e os contornos que desenham o velho Ponciano transcendem a definição de um coronel em decadência para assumir a projeção de um drama que se desdobra nas dimensões da própria identidade do homem como sujeito (SANTINI, 2007, p. 205).

É importante observar que Ponciano mantém a tradição dos personagens pícaros, irresistíveis aproveitadores que sobrevivem através das petas e das fantasias. O picaresco tem como origem o romance anônimo “O Lazareto de Tormes”, marco da Literatura Ibérica por haver o confronto entre o realismo com a vida idealizada que caracterizava as narrativas anteriores. O pícaro é oriundo de uma classe social baixa, sujeito esperto, que usa de artimanhas para vencer no mundo.

A narração é feita em primeira pessoa de uma teórica autobiografia predominante satírica, cujo alvo é a sociedade em que vive o protagonista, que atua como criado, serviçal e, por isso, apresenta sua crítica, sua catarse.

O romance picaresco é uma modalidade literária que abrange um conjunto de obras escritas na Espanha, nos séculos XVI e XVII. Seu eixo centra-se no pícaro, personagem de baixa condição social, que procura ascender socialmente, por todos os meios possíveis: a trapaça, o engano, o roubo, o rufianismo (BOTOSO, 2009, p. 110).

No caso do coronel, o que o diferencia de um pícaro clássico é o seu pertencimento à classe alta (não precisa lutar para sobreviver). Por isso, o elemento fantasioso é tão utilizado, pois o objetivo do pícaro é criticar a sociedade em que está inserido, mostrar o socialmente elevado como baixo. Por pertencer à elite, Ponciano não critica o sistema, apenas o governo; o lobisomem, na primeira parte do livro, é apresentado como um coletor de impostos.

A astúcia do protagonista não é um mecanismo de defesa contra uma ordem social que o exclui (estratégia de um pícaro típico), mas sim um instrumento para se vangloriar, impressionar a todos. O pícaro vive para superar obstáculos, porém os empecilhos a serem suplantados por Ponciano não podem ser reais, senão ele estaria lutando contra a sua própria classe social. Dessa forma, ao viver na fazenda Sobradinho, herança do avô, ele acumula uma série de causos e aventuras (lobisomem, cobra gigantesca, sereias). O mundo fantasioso é palco para que o coronel entre em ação, sem que haja um conflito de ideologias, ou seja, não há um teor de luta de classes.

Dessa forma, José Cândido construiu o picaresco ponciânico centrado num tripé:

- a) Semente: com a morte prematura dos pais, Ponciano foi criado pelo avô Simeão, isso fez com que ele não tivesse uma educação pautada por limites, essa ausência foi um campo fértil para as traquinagens picarescas.
- b) Protótipo: crescido com total liberdade, Ponciano encarna o modelo de um pícaro em seu estado permanente de aventura. Sua trajetória se resume ao aqui e o agora, os episódios se sucedem ao acaso, sem propósitos elevados.
- c) Distorção: a ruptura de Ponciano consiste no fato de ele não ser um personagem à margem da sociedade, ao contrário, está inserido na aristocracia, isso diverge do romance picaresco tradicional.

## 5. O TEOR DE VEROSSIMILHANÇA

A personalidade caricata do protagonista é uma forma de revelar a decadência das grandes fazendas. O senso inigualável de se colocar como protagonista de todas as histórias que relata é a crença do personagem em sua grandeza e na aristocracia rural.

Por isso, a formatação de um personagem dotado de elevada estatura, amplas barbas ruivas e uma voz imponente são atributos que, ao invés de louvarem o poder dos grandes latifundiários, marcam a história

de seu declínio. Além disso, nos relatos fantasiosos, a narrativa vai revelando um rural mítico, folclórico, no qual o sobrenatural e o maravilhoso dominam as relações sociais.

[...] Com esta voz grossa que Deus engastou na garganta do neto de Simeão não havia desavença que eu não desmanchasse na força do berro (CARVALHO, 2000, p. 20).

Digo, sem ostentação, que Deus não cresceu o neto de meu avô na beira dos dois metros para que ele desperdiçasse essa grandeza toda em raiva de anão, em ódio de sujeito nascido para caber em dedal de costureira (CARVALHO, 2000, p. 26).

O exagero do mundo fantasioso foi tanto que o subtítulo (“Deixados do oficial superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da Praça de São Salvador de Campos dos Goitacases”) se constitui em um estratagema de esvaziamento do compromisso do autor, tornando-se fundamental para fazer crer ao leitor que não se trata de uma obra de ficção, mas sim de “deixados”, ou seja, notas autobiográficas deixadas por um coronel.

O subtítulo, mecanismo de imposição de respeito preliminar, empresta um teor de documento ao romance, pois se não houvesse, pareceria uma rapsódia – conjunto de lendas e causos. Porém, de documento não tem nada, mas sim de memórias.

O elemento maravilhoso constitui um mundo encantado, pré-capitalista, que oferece eco às narrativas do protagonista. Ele se vangloria dos saberes militares que domina. É através deles que descreve as lutas com os elementos míticos que povoam um mundo rural.

Pedi calma – e com calma, levantando os dois metros de Ponciano de Azeredo Furtado, falei na melhor situação: - Só não desagravo a honra da seleta assistência por ser militar e carecer da licença especial advinda de patente superior. E dentro dessa ponderação, fiz ver que não levava medo de cara enfarruscada. Mas, sendo alferes, não podia, sem penas e agravos, denegrir as leis e regulamentos de guerra (CARVALHO, 2000, p. 13).

A ironia reside nas situações em que a coragem era necessária, Ponciano somente a exhibe quando está livre dos perigos. O Coronel é um personagem que se constrói como tal, ou seja, é um romancista da sua própria existência.

Além disso, procurando reforçar o caráter de verossimilhança às suas fantasias, o relato da história do protagonista é feito por ele já falecido. Trata-se da mesma estratégia utilizada por Machado de Assis em Memórias Póstumas de Brás Cubas:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. (ASSIS, 2003, p. 3)

Ponciano de Azeredo Furtado é o nosso defunto-autor da planície goitacá. Porém, ao contrário da obra machadiana, isso só é possível saber ao término da narrativa. Essa não foi a única presença do Bruxo do Cosme Velho no romance de José Cândido.

Ainda percebi, no derradeiro furo das minhas forças, aquele corre-corre cada vez mais lonjal – Tutu pedindo vela e Antão Pereira e choro. Um sono de paina, desses que fecham os olhos da gente com bondade, tomou conta deste Azeredão Furtado dos pastos de Santo Amaro. Quando dei acordo de mim, sei lá que tempo decorrido, já andava longe, em terras de Badejo dos Santos. Saí do Sobradinho sem atinar como, que perna e lombo de cavalo, não usei. O engraçado é que eu não sentia mais a pontada do peito o agulhão que ferrou a minha carne (CARVALHO, 2000, p. 300).

## 6. A REIFICAÇÃO FEMININA

Outro aspecto interessante a respeito do nosso pícaro da baixada se refere à sua gabolice em relação a ser um profundo conhecedor das arquiteturas (“platibandas”) femininas, porém somente se relaciona com as mulheres que pode pagar.

Na narrativa picaresca, a apresentação do sexo feminino é depreciativa, somente é lembrado se distribuir favores para o pícaro. O romance de José Cândido segue a linha picaresca da repressão sexual, ou seja, uma tradição sustentada pelo machismo. As personagens femininas do romance *O Coronel e o Lobisomem* ilustram bem a reificação da mulher, tão comum aos romances picarescos.

Tal situação criará nas mulheres um comportamento marcado pela submissão, pois o método autobiográfico, tendência da narrativa picaresca, elabora um texto de latente manipulação ideológica, cabendo-lhes a adequação aos parâmetros rígidos do contexto em que foram concebidas. Dessa forma, o elemento feminino, na trama pícaro, é associado ao meretrício. No romance picaresco, a ausência do sentimento amoroso é marcante. Portanto, coerente à tradição pícaro, a conquista romântica não constitui uma arte que Ponciano domina.

Por isso, quando procurar estreitar laços matrimoniais com a professora Isabel, prima da mulher de seu agregado Juquinha, que fora passar uns dias na fazenda, seu comportamento é cômico:

Nos rodados do vestido da menina Isabel meu atrevimento encolhia. A boca do coronel, dona de tanta fala, nessas especiais circunstâncias perdia os venenos. Lá uma vez ou outra, mesmo assim em feitio medroso, saía uma inquirição desgovernada: - Vossa Mercê já foi mordida de cobra? A moça ria desses e outros despautérios, que outra coisa não podia fazer. [...]  
- Dona Isabel já viu a pessoa de um boitatá? Não viu, nem acreditava em invencionices do povo bronco dos ermos. [...] A mestra de letras, no vaivém da cadeira de balanço, aturou tudo dentro dos bons ensinamentos da educação. [...] Se fosse um caso de lei, rixa na justiça, eu era coronel de obtemperar a noite toda [...]. Mas em terreno de sentimento, de rasgar seda em conversa de moça, nunca que ninguém podia contar comigo, a não ser que a parolagem fosse entremeada de patifaria e sucedidos de cama e travesseiro (CARVALHO, 2000, p. 73).

## 7. A CIDADE COMO ESPAÇO DE DECLÍNIO



Depois dos embates com onças, lobisomem, mulas-sem-cabeça, Ponciano decide se mudar para a cidade de Campos. Esse deslocamento do meio rural para o centro urbano inaugura a segunda parte do livro e no novo espaço geográfico é seduzido pelos encantos da vida citadina.

A observação de Florestan Fernandes sobre a figura do senhor rural que sofre o processo de aburguesamento pode ser apropriada para interpretar o percurso de Ponciano:

À medida que se intensifica a expansão da grande lavoura sob condições econômicas, sociais e políticas possibilitadas pela organização de um Estado nacional, gradualmente uma parcela em aumento crescente de “senhores rurais” é extraída do isolamento do engenho ou da fazenda e projetada no cenário econômico das cidades e no ambiente político da corte ou dos Governos Provinciais. (...) Essa porção de senhores rurais tendeu a secularizar suas idéias, suas concepções políticas e suas aspirações sociais; e, ao mesmo tempo, tendeu a urbanizar, em termos ou segundo padrões cosmopolitas, seu estilo de vida, revelando-se propensa a aceitar formas de organização da personalidade, das ações ou das relações sociais e das instituições econômicas, jurídicas e políticas que eram mal vistas e proscritas no passado. Em uma palavra, ela “abuguersou-se” (FERNANDES, 2002, p. 1519).

Essa migração, segunda parte da obra, consiste numa ruptura. Os diálogos e comportamentos do ambiente rural são colocados em segundo plano para o novo personagem que Ponciano incorpora. O desejo de se relacionar com o mundo urbano modifica profundamente o protagonista.

Lendas, conversas sobre boi, rinhas de galo e causos sobrenaturais, que antes tanto o satisfaziam, passam a ser evitados. Ponciano assume o novo ethos urbano em sua existência. Essa mudança geográfica transformará radicalmente a dinâmica da narrativa, pois, na cidade, passa a ter outro desafio: tornar-se um capitalista e enfrentar as consequências da nova vida.

Dessa forma, a ostentação seduz o coronel, crendo ser membro da elite urbana. Envolve-se com compra e venda de açúcar e enriquece com o comércio desse produto. Ele deixa de ser fazendeiro e passa a ser capitalista.

É oportuno ressaltar que o município de Campos dos Goytacazes, cenário da trama do romance de José Cândido de Carvalho, nas duas primeiras décadas do século XX, era uma cidade que sobressaía pela modernidade urbana e rapidamente ocupava um lugar de destaque como maior polo exportador de açúcar do país, ocupando o 17º lugar na produção mundial, com 15% do total da produção do Brasil (PEREIRA PINTO:155, 1995).

O êxito de Ponciano o aproxima de Pernambuco Nogueira e de sua esposa D. Esmeraldina e, através desse casal, é inserido na vida requintada da cidade.

Na esperança de descontar os desmandos das águas nos ganhos do comércio, abri as comportas da especulação. Em menos de uma quinzena comprei açúcar em grosso, mais de um armazém de mascavo e cristal. A barba do coronel não saía das casas de negócio da Rua do Rosário, em visita de esperteza (CARVALHO, 2000, p.262).

A paixão que nutre por D. Esmeraldina faz com que ele passe a concretizar todos os desejos dela. Cedendo a tudo, pensa agradar à sua amada, mas esses movimentos preparam as circunstâncias do seu declínio, já que passa a perder a sua fortuna em busca da conquista amorosa, o que não ocorre.

Na sustentação dessa grandeza, tive de abrir as burras do Banco da Província, raspar meus guardados em dinheiro. Baltasar da Cunha levou vinte contos de réis e o dobro queimei na política de Pernambuco Nogueira, fora o brilhantão de ovo com que municiei o dedo de Dona Esmeraldina (CARVALHO, 2002, p. 225).

Com a decadência financeira do Coronel, em decorrência dos exagerados gastos e da queda nos preços do açúcar, Pernambuco Nogueira se afasta dele e, junto com o primo da esposa (Baltasar da Cunha), aciona-o na justiça para lhe tirar o que sobrou. O Protagonista acaba falindo, restando apenas a fazenda Sobradinho.

Percebe-se que Ponciano não consegue mais se adequar à cidade. Entende, enfim, que nesse espaço a riqueza comprava não só o açúcar, mas também o afeto (a urbe é o local das amizades compradas). Todos esses dissabores levam-no à perda da sanidade mental.

Desde que escorreguei no comércio de compra e venda, fui outro. Cada dia que passava, mais o coronel do mato vinha a furo, destrambelhado e ferino (CARVALHO, 2000, p. 286).

A loucura que toma conta do protagonista é fruto do seu entre-lugar: a decadência da aristocracia rural e a hipocrisia da elite urbana. O coronel representa a transição desses dois espaços. Nessa cisão, estão inseridas as causas da sua decadência, insanidade e morte.

Etimologicamente, Ponciano significa aquele que é marinheiro, porém nesse momento da narrativa, o coronel se parece mais com um naufrago, pois, rodeado pelo ambiente especulativo, voraz e impiedoso, não consegue sobreviver. Ele não enxergou claramente a transformação da sociedade por ser impregnado pelos mecanismos da ideologia rural: compadrio e favoritismo.

O Coronel jamais foi ao Sobradinho durante a administração de Baltasar e nem pensava pagar salário. Portanto, pensa que poderia praticar as mesmas relações de trabalho que aplicava no campo:

Fontainha, que na nascença do escritório nem queria ouvir falar em paga (“Trabalho por gosto, pela amizade do Coronel”), começou a encarecer. (...) andou uns meses adernado para o lado de Baltasar da Cunha, inclinação que cortei com dois berros dos que sei dar (...). Fui obrigado a segurar a raiva de Fontainha pela gola, já todo galo de briga, querendo destratar o primo dos Nogueira (CARVALHO, 2000, p. 226).

Além disso, Ponciano não sabe lidar com os valores da nova sociedade, segundo as seguintes considerações:

Os delírios de Ponciano estão voltados para a formação que lhe deu o avô, nos moldes do coronelismo. Ponciano age sempre de acordo com as expectativas do avô e por isso é alienado em relação ao discurso que o constitui. Ponciano é uma personagem dividida, que sucumbe exatamente por se ver impotente diante de dois tempos – o anterior e o posterior à morte de Simeão, seu avô. Esses dois tempos são representados, no romance, por sua vida no campo e pela experiência em viver na cidade [...] (MARCHEZAN, 2002, p. 45).

## 8. À SOMBRA DE UMA POLÊMICA

A maior polêmica envolvendo o livro *O Coronel e o Lobisomem* foi a acusação em relação ao plágio praticado por Dias Gomes. Este se apropriou da linguagem ponciânica para elaborar Odorico Paraguaçu, personagem de “*O Bem Amado*” (1973).

A peça teatral (1962) que deu origem à novela apresentava um Odorico com uma linguagem erudita, porém, depois da publicação do romance (1964), o personagem do dramaturgo, ao ser transposto do palco para as telas, passou a utilizar um vocabulário análogo ao de Ponciano. A denúncia partiu do próprio José Cândido: “O Dias Gomes sugou *O Coronel e o Lobisomem* como um Drácula de terreno baldio”. Nesse ponto, seria interessante a comparação textual:

Odorico - Mas eu vou fazer. Os que votaram em mim para vereador sabem que cumpro o que prometo. Prometi acabar com o futebol no largo da igreja e acabei. Prometi acabar com o namoro e a sem-vergonhice atrás do Forte e acabei. Agora prometo acabar com essa humilhação para a nossa cidade, que é ter que pedir a outro município licença pra enterrar lá quem morre aqui. E vou cumprir (*O Bem amado*, 1962, p.11).

Meus dias no Sossego findaram quando fui pegado em delito de sem-vergonhismo em campo de pitangueiras. A pardavasquinha dessa intimidade de mato ganhou dúzia e meia de bolos e eu recriminação de fazer um frade de pedra verter lágrima (CARVALHO, 2000, p. 4).

Odorico - Mas eu vou fazer. Os que votarem em mim para vereador sabem que cumpro o que prometo. Prometi acabar com o futebol no largo da igreja e acabei. Prometi acabar com o namoro e o sem-vergonhismo atrás do forte e acabei. Agora prometo acabar com essa humilhação para nossa cidade, que é ter que pedir a outro município licença pra enterrar lá quem morre aqui. E vou cumprir (*O Bem amado*, 1973, p.11).

Entretanto, o autor campista também soube se valer da ideia de que literatura se alimenta de literatura, pois a segunda parte do seu livro teve como inspiração uma outra obra.

No ano de 1958, José Cândido publicou, no *Jornal do Brasil*, a crônica “*O Major*” que deu origem ao livro que o immortalizou. Nela, Ponciano é major e vive somente no mundo rural. Em 1964, quando *O Coronel e o Lobisomem* vem a lume, o autor coloca o protagonista como coronel (patente oriunda do coronelismo). No romance, Ponciano interage não só no ambiente rural, como também no urbano. Nessa transição geográfica, ele passa a ser outro personagem. A impressão que se tem é que são dois livros com o mesmo protagonista.

Se na primeira parte do livro o perfil de Ponciano remonta dois pícaros da Literatura Brasileira – Leonardinho (Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida) e Macunaíma (Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade) –, a segunda se caracteriza por uma espécie de reescrita pitoresca do romance *Quincas Borba* (Machado de Assis), ou seja, Ponciano passa a ser uma reencarnação do personagem Pedro Rubião de Alvarenga.

Do mesmo modo que Ponciano, Rubião torna-se riquíssimo por meio de herança. Sai do interior e se envolve ilusoriamente com o mundo capitalista. No livro de Machado de Assis, Rubião torna-se herdeiro do filósofo Quincas Borba. No entanto, além de herdar bastante dinheiro e muitos bens materiais, Rubião

assume o desafio de se tornar um capitalista. Ele, rico, sai de Barbacena (MG) para o Rio de Janeiro, na época capital do Brasil.

Assim como na obra de Machado, a segunda parte de *O Coronel e o Lobisomem* objetiva mostrar a influência direta do capitalismo na vida do protagonista. A partir daí as duas narrativas passam a apresentar um conjunto de situações idênticas, envolvendo Ponciano e Rubião.

Se por um lado a linguagem ponciânica serviu de base para Dias Gomes construir o personagem Odorico Paraguaçu (*O Bem Amado*), por outro, o enredo machadiano (*Quincas Borba*) foi o alicerce para José Cândido produzir a segunda parte de *O Coronel e o Lobisomem*. Há uma forte correlação entre Ponciano e Rubião; Pernambuco Nogueira e Cristiano Palha; D. Esmeraldina e Sofia.

Sofia olhou para ele, contraindo as grossas sobrancelhas; ia responder, mas calouse Palha continuou a desenvolver a mesma ordem de considerações; a culpa era dela, não devia ter dado ocasião...

— Mas você mesmo não me tem dito que devemos tratá-lo com atenções particulares? Seguramente, que eu não iria ao jardim, se pudesse imaginar o que se passou. Mas nunca esperei que um homem tão pacato, tão não sei como, se tirasse dos seus cuidados para vir dizer-me coisas esquisitas...

— Pois daqui em diante evita a lua e o jardim, disse o marido, procurando sorrir...

— Mas, Cristiano, como queres tu que lhe fale a primeira vez que ele cá vier? Não tenho cara para tanto; olha, o melhor de tudo é acabar com as relações.

— Mas como se hão de cortar as relações de uma vez?

— Fechar-lhe a porta, mas não digo tanto; basta, se queres, aos poucos...

— Mas, meu amor, eu devo-lhe muito dinheiro.

— Está bom, disse, acabemos com isto. Verei como ele se comporta, e tratarei de ser mais fria... Nesse caso, tu é que não deves mudar, para que não pareça que sabes o que se deu. Verei o que posso fazer.

— Você sabe, apertos do negócio, algumas faltas... é preciso tapar um buraco daqui, outro dali... o diabo! É por isso que... Mas riamos, meu bem; não vale nada. Sabes que confio em ti (ASSIS, 2009, p. 43).

Nogueira, como era do uso antigo dele, caía no sofá, no gozo da digestão:

— Vou tirar uma soneca.

Em ponta de pé, atrás de Dona Esmeraldina, eu ganhava o jardim. Pelos corredores, sem testemunha de acusação, eu podia apreciar o vaivém que os porbaixos da moça faziam nos panos. Era um tremido de chamar safadeza, de levantar o ânimo mais desgastado. O falecido Juju, que viu a mulher de Nogueira um par de vezes, garantia que só de mirar tanta beleza o cristão virava menino novo:

— Vale por cem garrafadas de catuaba e outros tantos cem revigorativos.

Em cadeirinha de ferro, junto de um tanque onde bojudado sapo de louça esguinchava água, gozava minhas tardes da Rua dos Frades, enquanto Dona Esmeraldina abria a caixa de bordados e dava andamento ao trabalho de agulha. Pernão cruzado, eu avivava esses sossegos a poder de acontecimentos dos pastos.

A mulher de Pernambuco Nogueira, sem tirar a atenção do trabalho de linha, mal eu acaba um caso pedia outro:

— Aquele da sereia do mar, coronel.

Assim eram meus domingos da Rua dos Frades. E essa amizade entre os Nogueira e Ponciano de Azeredo Furtado criou mais raiz quando, numa abertura, passei ao bolso do amigo doutor cinco pacotes de conto de réis e uma garantia de banco de mais cinco. A bem verdade, devo declarar que a custo consentiu Nogueira em receber o auxílio. Rejeitou, por não querer sobrecarregar os amigos:

- Não é direito, coronel. Não fica bem.  
Tive que arrastar o coronel para um robalo no Taco de Ouro, no fim do que resolveu aceitar meu oferecimento:  
— Já que o coronel quer, não vou fazer desfeita (Carvalho, 2000, p. 186).

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Indubitavelmente o que não falta à obra de José Cândido é engenho, tanto no sentido literário (faculdade conceptiva), quanto no nível socioeconômico (cana - de açúcar) e este aspecto histórico criou as condições necessárias para vir à tona uma das grandes qualidades do romance *O Coronel e o Lobisomem*: o processo de bricolagem que permeia a obra. Não se trata de uma simples justaposição de histórias oriundas da tradição, uma vez que José Cândido procurou a sua matéria-prima entre os destroços dela.

Além disso, a narrativa representa uma inovação, visto que rompe com a lógica histórica do relato (encadear causa e consequência). Isso acontece porque a sua unidade intrínseca está voltada para a elaboração do protagonista. O autor transforma a figura do coronel em mito ao construir o texto de uma maneira que a sua heroicidade se perpetue, por isso Ponciano de Azeredo Furtado faz parte da galeria de personagens conhecidos, mesmo por quem não os leu, pois a história do percurso do coronel é o heróico percurso da própria narrativa.

## 10. REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, Mário de. Aspectos da literatura brasileira. 4. ed. São Paulo: Martins/Brasília: INL, 1972.
- ANÔNIMO. Lazarilho de Tormes. Edição bilingüe. Edição de Medina del Campo, 1554; organização, edição do texto em espanhol, notas e estudo crítico de Mario M. González; tradução de Heloisa Costa Milton e Antonio R. Esteves; revisão da tradução de Valeria De Marco. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas: São Paulo: Martin Claret, 2003. Quincas Borba. São Paulo: FTD, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e estética (A teoria do Romance). São Paulo: Unesp, 1993.
- BOTOSO, Altamir. A presença da história na ficção latino-americana contemporânea. Revista Iluminart. IFSP – Sertãozinho-SP, vol. 1, n. 1
- CANDIDO, Antonio. Um romancista da decadência. In: COUTINHO, E.; CASTRO, A. B. de. José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, João Pessoa: FUNESC, 1991.
- CARVALHO, José C. O Coronel e o Lobisomem. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. O Major. Jornal do Brasil. 1958. <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015\\_07&PagFis=91358](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_07&PagFis=91358)>. Acesso em 10 de dezembro de 2013.
- FERNANDES, Florestan. A Revolução Burguesa no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2002.
- GOMES, Dias. O Bem-Amado. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1962. O Bem-Amado. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1973.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. **O coronelismo**: uma política de compromissos. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. O Homem e o Brejo. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Geografia, 1945.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto:** o município e o regime representativo, no Brasil. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. Fogo Morto e O coronel e o lobisomem: Duas vertentes de uma poética da loucura na literatura brasileira. In; TELAROLLI, Sylvia (Org.). Cenas Literárias. Araraquara: Laboratório Editorial, UNESP/FCL; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

PEREIRA PINTO, Jorge Renato (1995) O Ciclo do Açúcar em Campos. Erca Ed, Rio de Janeiro ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa. 25 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

SANTINI, Juliana. Um mundo dilacerado entre o riso e a ruína: o humor na literatura regionalista brasileira. Tese de doutorado em Estudos Literários. Araraquara: UNESP, 2007.